

URNAS DA CULTURA MARACÁ: estudo e conservação preventiva no Museu Paraense Emílio Goeldi

Taynara Soares do Nascimento Sales*

Bianca Cristina Ribeiro Vicente**

Resumo

A maior representatividade da cultura Maracá são as urnas funerárias encontradas na superfície de cavernas, localizadas no Estado do Amapá, norte do Brasil. As urnas são objetos confeccionados em cerâmica que podem ocorrer em três tipos: representação humana (antropomorfa), animal (zoomorfa) ou tubular. Na Reserva Técnica de Arqueologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) estão salvaguardadas algumas coleções dessa cultura, que foram estudadas ao longo das últimas décadas, principalmente sobre a iconografia dessas peças. Contudo, considerando os aspectos físicos dessas, a maioria não se encontra em bom estado de conservação, o que culmina na dificuldade de análise das mesmas, já que em uma descrição mais completa são necessárias informações como as decorações plásticas e pintadas; intervenções realizadas na peça; dimensão das peças, entre outros. Essas informações são úteis para uma eventual documentação dos objetos, o que pode ser a primeira etapa de uma conservação de acervo. Sendo assim, este artigo objetivou elencar alguns elementos necessários à conservação preventiva desta tipologia de objetos, bem como destacar a documentação como elemento primordial neste processo. Buscou-se analisar os principais agentes de degradação nos diferentes momentos da trajetória da peça, considerando o material ainda em contexto, a escavação e o acondicionamento das urnas em espaços de salvaguarda, como as reservas técnicas. Através de levantamento bibliográfico e um estudo de caso com uma coleção da Reserva Técnica de Arqueologia Mário Simões são elencadas ações preventivas, com ênfase na documentação como ferramenta que possibilita a conservação destes acervos. A preservação destes bens garante melhores condições de pesquisar e comunicar tais patrimônios à sociedade.

Palavras-chave: cultura Maracá; arqueologia; documentação; conservação preventiva.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), com ênfase em Arqueologia, da Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduada no curso de Bacharelado em Museologia pela UFPA.

** Mestra em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pesquisa na linha de Preservação do Patrimônio Cultural. Museóloga formada pela Universidade Federal do Pará.

Introdução

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) é uma instituição de referência nacional e internacional, tratando-se de suas pesquisas científicas, acervos e projetos com a comunidade local. Atuando em diversas áreas, o Museu se especializou nas ciências que envolvem o meio Amazônico, tanto físico, natural e humanístico. O estudo das ciências humanas (antropologia, arqueologia e linguística), desenvolve, além das pesquisas, métodos de preservação dos diversos acervos que o Museu salvaguarda (PAIVA, 2014). Segundo Barbosa (2011) e Sanjad (2010), o MPEG surgiu na segunda metade do século XIX, ao padrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro – pensado e dirigido por Domingo Soares Ferreira Penna.

Sua criação foi realizada através da Associação Filomática, sociedade que se firmou com o intuito de fundar um museu no Estado do Pará, proposta que se concretizou em 1866. Em seus primórdios os achados arqueológicos da região constituíam-se como uma das principais vertentes de interesse. Mesmo com alguns períodos de menor incidência de campanhas de escavações e coletas arqueológicas, ainda hoje o museu tem a arqueologia como uma área de pesquisa primordial.

Atualmente a Reserva Técnica Mário Ferreira Simões abriga um acervo arqueológico proveniente de diferentes regiões da Amazônia, no qual consta aproximadamente 120 mil objetos e 2 milhões de fragmentos (MUSEU, 2019). De importância imensurável para os estudos sobre as culturas do período pré-colonial e colonial, a preservação se faz imprescindível. Dentre essas coleções, estão algumas urnas Maracá, que são objetos de cunho funerário confeccionadas em cerâmica, encontradas na região sudeste do Estado do Amapá e coletadas ao Museu desde o século XIX.

Dentro dos museus, a preservação de acervos arqueológicos ainda é um grande desafio. Os artefatos têm seus valores fortemente vinculados às informações e possibilidades de estudo e comunicação que provém da integridade física e documental deles. Considerando estes aspectos o presente trabalho tem como objetivo elencar alguns componentes necessários à conservação preventiva desta tipologia de objetos, bem como destacar a documentação como elemento primordial neste processo.

Levando em consideração que usaremos neste trabalho a ideia de documentação segundo alguns autores, como José Mauro Loureiro (2008), Helena Ferrez (1994) e Fernanda Camargo-Moro (1986). Entende-se portanto, a documentação como Loureiro (2008, p. 24) afirma: “[...] como elaboração e implantação de processos analíticos, representacionais e sistêmicos em que fluxos aleatórios de saberes encontram eixos

estruturantes para que possam produzir sentido.” Sendo assim, será abordada a documentação no viés museológico, seguindo a proposta de Ferrez (1994, p. 01), que trata da seguinte maneira:

[...] conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a preservação e a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informações capaz de transformar as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumento de transmissão de conhecimento.

Destaca-se, portanto, que a documentação aqui trabalhada é abordada por Camargo-Moro (1986) como documento de extensão, pois foca em aspectos específicos usados para peças arqueológicas, que abrange dentre outras coisas, seu estado de conservação.

Neste íterim, aborda-se, a partir da discussão teórica, os diferentes componentes que permeiam a preservação desta tipologia de acervo e, apresenta-se, através de um estudo de caso, a importância da preservação destas peças. Baseado nos preceitos da conservação preventiva, que busca reduzir ou prevenir potenciais danos aos acervos, abarcando coleções ao invés de objetos individuais e prezando pela não intervenção direta nos objetos, mas sim no contexto em que estão inseridos (CAPLE, 2011), esta pesquisa não realizou intervenções físicas ou químicas nas peças e teve a documentação como principal ferramenta de preservação.

A cultura Maracá e a preservação de achados arqueológicos

As urnas coletadas por Ferreira Penna quando explorava a região sudeste do atual Estado do Amapá, a partir de 1872, foram levadas ao museu (PENNA, 1877) e fizeram parte da etapa inicial da concretização do MPEG como instituição museológica e, já no século XX, elas foram retomadas por meio de projetos de salvaguarda e pesquisa por profissionais de Arqueologia (GUAPINDAIA & MACHADO, 1997; GUAPINDAIA, 2001). As urnas funerárias coletadas através destas expedições, as quais são confeccionadas em cerâmica, possuem elementos de representação humana (antropomorfa), animal (zoomorfa) ou tubular, conforme é ilustrado na Figura 1, sendo que a maioria dos vestígios encontrados é referente à primeira forma.



Figura 1 - Exemplos de urnas de diferentes morfologias (Prancha Goeldi, 1905).

As urnas funerárias antropomorfas da cultura Maracá são em cerâmica, constituídas por um corpo em formato cilíndrico sentadas em um banco, cabeça (tampa) e membros superiores e inferiores, possuindo representações anatômicas humanas estilizadas, incluindo características de gênero (feminino ou masculino) correspondentes aos ossos depositados em seu interior (BARBOSA, 2011; GUAPINDAIA, 2008). A maioria – pode apresentar, além de motivos pintados, ornamentações corporais em barro modelado: coifas ou coques (decorações da tampa), braceletes, pulseiras, cintos ou uluri (decoração de cintura) e tornozeleiras.

A cabeça possui representações de olhos, sobrancelhas, nariz e boca, com o contorno do rosto delimitado por um rolete e decoração em sua parte superior. O corpo possui clavícula, mamilos, umbigo, escápulas, pélvis, coluna e órgão sexual. Os membros apresentam epífises distais, mãos e pés com dedos. O banco possui assento, geralmente, retangular com pernas no mesmo formato, e decoração em suas laterais (de um lado uma cabeça e de outro uma cauda). Contêm pinturas em formatos geométricos correlacionados nas regiões da cabeça e do corpo, cuja assimetria pode ser observada em diferentes regiões do corpo, ou seja, um determinado elemento não necessariamente se repete na urna, apresentando distribuição irregular. As urnas zoomorfas são, no geral, representações de animais quadrúpedes, como o jabuti, e são compostas por cabeça, tampa, – essas não encontradas na coleção estudada que será apresentada mais adiante –, porém furos em volta da fenda na parte superior das urnas indicam que houve a confecção das mesmas – corpo, cauda, banco e membros.

No Amapá, mais precisamente na área de influência da bacia do Igarapé do Lago (Figura 2), apresentaram diversos vestígios da existência da cultura pré-colonial Maracá, principalmente as urnas fabricadas para a realização de práticas ritualísticas funerárias. Estas são encontradas dispostas na superfície de grutas e abrigos, reconhecidos como cemitérios de sepultamentos secundários localizados nessa região (GUAPINDAIA; SOUZA; CARVALHO, 2001).



Figura 2 - Mapa sinalizando a região de concentração das grutas, na área de influência do Igarapé do Lago, em Mazagão, Estado do Amapá. Confecção do mapa: Mayara Mariano, 2019.

Estas urnas costumam ser encontradas em grutas, porém no nível da superfície, uma característica interessante ao se pensar na conservação decorrente de seu contexto deposicional e pós-deposicional, haja vista que isto influencia nos agentes de degradação e suas respectivas atuações. São estes fatores que fazem com que cada sítio e cada achado arqueológico seja extremamente particular, mesmo com as similaridades. Por conta disso, ao trabalharmos com a conservação de acervos arqueológicos é preciso entender como os artefatos foram encontrados em contexto, pois:

Os achados em um sítio arqueológico são sempre resultado da interação entre fatores bióticos, abióticos e antrópicos que alternam-se ao longo do tempo. Este processo, em geral único, dá ao sítio a feição existente no momento do achado. A história de cada sítio faz variar o peso de cada fator de degradação. A velocidade e sucessão dos eventos, explica as diferentes proporções de materiais preservados e os diferentes impactos sobre a espacialidade original (SOUZA *et al.* 2001, p.483).

Entender a peça em contexto é o primeiro passo, por isso é interessante que quando possível o próprio conservador do museu que irá receber a peça possa acompanhar o processo de escavação. Sua presença é importante tanto para se ater aos primeiros cuidados, como para melhor compreender quais as possíveis fragilidades da peça decorrentes deste contexto. Porém, esta ainda não é uma prática comumente observada nas escavações.

Um segundo momento destes vestígios arqueológicos é a escavação em si, que se torna crucial para a preservação destes artefatos. Assim, também pode apresentar alguns riscos ao sítio e às peças coletadas. Trabalhos mal realizados podem levar à perda de material e mesmo de informações. Portanto, sabe-se que tal trabalho deve ser feito por profissionais qualificados, haja vista que:

The condition of excavated material is dependent on many factors including handling during and after excavation. Unnecessary touching, and on-site cleaning may be very damaging to artefacts and may result in the loss of valuable evidence. Condition is also dependent on the conservation care the material has received and whether it has been continuous or was undertaken some time after excavation as 'rescue' measure (PYE, 1992, p, 392)

Ainda segundo Pye (1984), os registros de materiais arqueológicos devem iniciar na escavação, quando o pesquisador/coletor localiza o sítio. Esse registro deve ser o mais completo, pois toda informação é necessária e precisa acompanhar o objeto, desde o sítio até o laboratório e/ou reserva técnica. Além de que essas informações necessitam ser concisas e abranger não somente o objeto, mas incluir as observações de campo,

como o contexto arqueológico, condição do solo, método de salvamento e seus primeiros procedimentos, e para se tornar mais completo, o registro deverá incluir os métodos e resultados das análises.

Os processos documentais arqueológicos do objeto passaram por diversas modificações metodológicas ao longo do tempo e que foram aperfeiçoadas de acordo com os interesses e objetivos das pesquisas desenvolvidas na área. Sua descrição técnica e de localização facilitam o acesso às informações no desenvolvimento de pesquisas em torno do mesmo. Basicamente as informações são relativas à: proveniência; área de escavação; área de coleta de material; dimensões do objeto; características plásticas e pintadas (geralmente atribuídas à decoração); e às informações relativas ao contexto de paisagem dos sítios (FUNARI, 2003).

O terceiro momento é quando a peça, no caso as urnas, passam a integrar uma coleção dentro de um museu. Ao adentrar uma instituição museológica, as peças são submetidas ao processo conhecido como musealização, o qual engloba diferentes ações interligadas efetuadas em culminância de sua ressignificação enquanto objeto de museu. Estas etapas são didaticamente divididas entre a aquisição, documentação, pesquisa, conservação e comunicação/extroversão (CURY, 1999). Neste processo, o pensamento acerca da conservação de um achado arqueológico segue protocolos, buscando viabilizar que boas condições de conservação sejam obtidas e prolongadas ao máximo.

Atualmente, a conservação preventiva tem sido comumente utilizada como prática basilar aos protocolos museológicos, sendo então privilegiadas ações não interventivas nas peças, mas sim pensando o contexto em que as coleções estão inseridas. Além disso, também visto como prática preventiva, há um maior empenho em aumentar a eficácia de seus registros informacionais acerca dos objetos, mesmo que alguns profissionais ainda não vejam a documentação como uma ferramenta inerente à conservação preventiva, considerando-a apenas como registro ou forma de fácil localização de objetos (PANISSET, 2017).

Nos museus, os acervos costumam passar grande parte do tempo abrigados dentro de reservas técnicas (FRONER, 2008). Estes são espaços de guarda que devem manter padrões apropriados de conservação dos acervos, possuindo protocolos de acesso e uso dos espaços, bem como atendendo as demandas de segurança, espaço, mobiliário, acondicionamento, iluminação e climatização de acordo com cada acervo.

O estudo da cultura Maracá no Museu Goeldi

Desde seus primeiros momentos o MPEG já estava preocupado em coletar e conhecer os diferentes vestígios deixados pelos povos antepassados da região amazônica. Entre seus objetivos estava coletar o máximo de peças Etnográficas e Arqueológicas para compor um acervo relacionado à identidade amazônica, procurando preservar e estudar os objetos provenientes da região. A instituição, criada a partir da Associação Filomática, visava a criação de um polo científico de história natural e do homem na Amazônia, claros nas palavras de Ferreira Penna:

[...] apareceu aqui a ideia de formar-se uma associação destinada a criar e fundar na capital um museu – no qual pouco a pouco se reunisse os numerosos produtos antigos e modernos da indústria dos índios aproveitando-se ao mesmo tempo toda a sorte de objetos de História Natural que se pudesse obter. (PENNA, 1894, p. 28).

Com a doação de uma urna Maracá ao Museu, feita pelo Sr. Francisco da Silva Castro, o naturalista Ferreira Penna ficou bastante interessado pela Arqueologia Maracá, por ter tantas características humanas. Então, organizou uma expedição ao rio Maracá, em 1872, localizado no sudeste do atual Estado do Amapá, onde encontrou diversos sítios arqueológicos. Porém o que estava dentro das grutas foi o que mais chamou sua atenção: inúmeras urnas funerárias antropomorfas depositadas em superfície.

Denominou-as de ‘igaçabas de barro tubulares’ (BARBOSA, 2011). Porém, coletou apenas as que apresentavam boa integridade (PAIVA, 2014). Ainda em 1872, houve outra expedição onde Ferreira Penna encontrou mais urnas, essas, porém bastante danificadas por ação biológica e de movimentação animal. Todavia, por apresentarem “aspectos singulares” em suas formas e por conterem ossos humanos, os recipientes funerários foram de grande interesse para os objetivos do então diretor do Museu Paraense (BARBOSA, 1992).

No final do século XIX e início do XX, o Museu se consolidou como instituição científica, estando sob a direção do zoólogo e naturalista suíço Emil August Goeldi, o qual reorganizou e promoveu a catalogação das coleções pertencentes à instituição, de acordo com padrões europeus. Com o amplo auxílio financeiro ofertado pelo então governador Lauro Sodré, Goeldi incentivou e realizou expedições científicas na Amazônia (BARBOSA, 2011; PAIVA, 2014). Com a ajuda dos dados coletados por Ferreira Penna nas expedições anteriores, Goeldi realizou uma expedição ao rio Maracá, em 1896, com o objetivo de arrecadar mais objetos para a coleção do Museu. Segundo Barbosa (2011),

após a expedição à Guiana Brasileira (atual Estado do Amapá) Emil Goeldi pretendia publicar um trabalho sobre as urnas Maracá, entretanto, não chegou a fazê-lo.

Neste período foram produzidos documentos com descrições detalhadas dos locais visitados, incluindo desenhos e mapas, feitos por Lima Guedes. Isto demonstra que já naquele momento a preocupação com a sistematização dos dados e com o contexto de localização dos sítios, atribuindo grande prestígio à coleção Maracá como uma das mais completas do Museu Paraense na época.

Novas coleções de Maracá foram formadas entre os anos de 1995 e 2002, quando a arqueóloga Vera Guapindaia desenvolveu pesquisas de caráter sistemático através do projeto “Estudos Arqueológicos na região do Igarapé do Lago, rio Maracá, Estado do Amapá” com o objetivo de investigar o período pré-colonial daquela região (GUAPINDAIA; MACHADO, 1997; GUAPINDAIA, 2001). Nesse momento, o objetivo da investigação não era simplesmente a formação de coleções, mas responder questões científicas relacionadas à cultura Maracá em seus diferentes aspectos. No desenvolvimento das pesquisas foram localizados 17 sítios arqueológicos na região de Maracá, sendo que três sítios habitação e 14 sítios cemitério (BARBOSA, 2011).

Sendo assim, percebe-se que os artefatos presentes no Museu Paraense foram adquiridos em duas épocas distintas referentes ao início da pesquisa arqueológica na Amazônia e o desenvolvimento científico no MPEG, além de fazer parte do período de estruturação primordial desta instituição como Museu, formando assim, coleções que refletem interesses ideológicos e científicos diferentes. No primeiro momento, mais precisamente ainda no século XIX, as coleções eram formadas de maneiras descontextualizadas, onde era fundamental a integridade física do objeto, a sua estética. No segundo momento, já no século XX, foram inicializados os trabalhos arqueológicos sistemáticos, com enfoque nas pesquisas científicas (BARBOSA, 2011). Ainda segundo Barbosa (2011), essa mudança de perspectiva do MPEG foi essencial para as pesquisas sobre a cultura Maracá, pois:

No século XIX e no começo do século XX, as discussões sobre as origens da ocupação humana na Amazônia tiveram grande repercussão ganhando contornos nacionais e internacionais. É nesse contexto que a pesquisa sobre as urnas Maracá toma impulso. Assim, a partir da segunda metade do século XIX surgem os primeiros artigos sobre o assunto; o material contido nas urnas (ossos) foi submetido a análises específicas; a região e os locais dos achados foram descritos e revisitados e as urnas encontradas foram detalhadamente descritas (BARBOSA, 2011, p. 11).

As pesquisas de Guapindaia (2000, 2001, 2008), apresentaram um quadro mais amplo das características ambientais da região onde se encontram os sítios e descrição do padrão funerário da cultura Maracá. Desde que as primeiras coleções Maracá foram formadas, as iconografias das urnas chamam a atenção pela forma das figuras representadas e a riqueza de detalhes decorativos plásticos e pintados na superfície das peças. No entanto o tema iconográfico só foi abordado sistematicamente a partir do estudo de uma das coleções formadas por Guapindaia, a coleção Gruta das Caretas (GUAPINDAIA & MACHADO, 1997; GUAPINDAIA, 2001).

Os resultados do estudo iconográfico das peças da coleção Gruta das Caretas, mostraram que as urnas antropomorfas apesar de aparentemente apresentarem figuras semelhantes, possuem representações plásticas e pintadas comuns e exclusivas de cada gênero. Na pesquisa foi mostrado que motivos pintados em faixas verticais frontais e dorsais, e faixas horizontais superiores e inferiores são representativos de uma linguagem coletiva. Já os motivos lineares pintados na lateral do corpo das urnas e os adornos plásticos possuem característica de linguagem particular (BARBOSA, 2011).

Assim, se fez necessário dar continuidade ao estudo iconográfico da cultura Maracá iniciado com a coleção já supracitada, estendendo a análise proposta por Barbosa (2011) para as outras coleções de urnas Maracá. Neste caso, a análise realizada em 2015 teve como proposta a análise da coleção AP-MZ-27: Gruta do Pocinho, composta de urnas antropomorfas e zoomorfas. O estudo dessa coleção ampliou os conhecimentos sobre as representações iconográficas Maracá, proporcionando maior entendimento sobre os aspectos sociais e simbólicos dessa cultura.

Durante o processo deste estudo foi constatada a importância de se ter uma peça conservada, com o intuito de possibilitar e qualificar a análise iconográfica e os demais procedimentos de pesquisa e comunicação da coleção. Tal constatação é aparentemente evidente, porém, durante o processo da pesquisa *in loco* foi notório a interferência do estado de conservação da peça no estudo iconográfico, já que fora imprescindível a observação das pinturas nos objetos, que sofreram alterações decorrentes de degradação tanto por agentes biológicos, físico-químicos, e/ou mecânicos. Deste contexto decorre a análise apresentada a seguir.

As Urnas Funerárias da Gruta do Pocinho

A coleção da Gruta do Pocinho é composta por partes de urnas antropomorfas (tampas e corpos com banco), zoomorfas e vasilhas. Ao todo são 22 (vinte e duas) peças nessa coleção distribuídas da seguinte forma:

- ❖ 16 (dezesesseis) são urnas antropomorfas, sendo que destas:
 - 07 (sete) contém apenas a tampa, somente com a representação da cabeça e tampo;
 - 09 (nove) são representações do corpo – dessas, 02 estão fragmentadas e salvaguardadas como se fosse uma só (GP-28) –, onde 04 possuem representação de banco.
- ❖ 04 (quatro) são zoomorfas;
- ❖ 02 (duas) são vasilhas.

Em termos de preservação desta coleção vale ressaltar que os materiais arqueológicos presentes na Reserva Técnica variam entre vasos, vasilhas e urnas funerárias em cerâmica; líticos como pontas de flecha, machados, pilões; e muitos fragmentos, como cacos de cerâmica, líticos, amostras de solo, entre outros; além dos materiais de cunho osteológico. Anteriormente este acervo estava salvaguardado em estantes de ferro, com prateleiras do mesmo material. No ano de 2015, novas estantes foram implementadas na Reserva Técnica, essas que são do mesmo material das prateleiras, porém com sistema de rolamento, onde a pessoa que manipula o material tem a possibilidade de bloquear a movimentação da estante (Figuras 3 e 4).



Figuras 3 e 4 - Antigas e novas, respectivamente, estantes existentes na Reserva Técnica Mário Ferreira Simões. Fotos: Acervo Museu Goeldi, 2016.

No caso de materiais de maiores dimensões, como urnas funerárias em forma de vaso, apliques decorados, vasilhas, dentre outros, estes ficam alocados sob suportes feito em espuma de polietileno expandido e recortado, como a forma da base do objeto, de modo a permitir seu melhor encaixe e sustentação (Figura 5).



Figura 5 - Vasos escavados, de diversas culturas indígenas, armazenados sob caixas de polietileno. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2016.

Depois do sistema informatizado, criado no programa Access, a curadora da Reserva Técnica, Maura dos Santos reuniu com os técnicos que trabalham na Reserva Técnica, e decidiram então, que os materiais arqueológicos seriam organizados por região em que foram escavados. Assim, cada armário possui um adesivo (Figura 6) que indica de qual região pertencem os artefatos ali armazenados.



Figura 6 - Detalhe das estantes rolantes, com etiquetas que mostram a localização das regiões de pesquisas arqueológicas, conforme material escavado. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2016.

Os armários também possuem uma sinalização própria, os quais se tratam de número e letra e cada prateleira possui um algarismo romano para identificação (Tabela 1), utilizando assim, o sistema de numeração conhecido como alfanumérico, que se trata da codificação elaborada a partir de letras e números. Essas sinalizações são necessárias para a armazenagem de informação sobre a localização das peças na Reserva Técnica, inseridas no sistema informatizado. Vale salientar que todas essas diretrizes de armazenamento e documentação usadas pela então curadora da Reserva Técnica, foram baseadas no livro “Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos”, de autoria de Mário Ferreira Simões e Fernanda Araújo-Costa, escrito no ano 1978.

Tabela 1 - Esquema feito pela técnica Camila Fernandes, responsável da Reserva Técnica Mário Ferreira Simões. Acervo Museu Goeldi.

1F	2F	3E	4E	5E	6E	7F	8F	9F	10F	11F	12F	13F	14F	15F	16F	17F	18F	19F	20F	21F	22F
1E	2E	3D	4D	5D	6D	7E	8E	9E	10E	11E	12E	13E	14E	15E	16E	17E	18E	19E	20E	21E	22E
1D	2D	3C	4C	5C	6C	7D	8D	9D	10D	11D	12D	13D	14D	15D	16D	17D	18D	19D	20D	21D	22D
1C	2C	3B	4B	5B	6B	7C	8C	9C	10C	11C	12C	13C	14C	15C	16C	17C	18C	19C	20C	21C	22C
1B	2B	3A	4A	5A	6A	7B	8B	9B	10B	11B	12B	13B	14B	15B	16B	17B	18B	19B	20B	21B	22B
1A	2A					7A	8A	9A	10A	11A	12A	13A	14A	15A	16A	17A	18A	19A	20A	21A	22A
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22

A Reserva Técnica possui controle de climatização através de aparelhos de ar-condicionado, procurando estabelecer um padrão de temperatura, assim como medidores da umidade relativa do ar para o monitoramento. O controle do ambiente é monitorado por meio de desumidificadores, termohigrômetros e termohigrográfos (MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI, 2002).

O objetivo inicial da pesquisa era de realizar a análise iconográfica das urnas funerárias antropomorfas e zoomorfas da cultura Maracá, provenientes do sítio AP-MZ-27: Gruta do Pocinho, a fim de classificar os temas representados – da forma plástica e pintada, buscando entender como eles estão relacionados aos aspectos que englobam as

organizações sociais do grupo. Porém, conforme já apresentado observou-se a necessidade de melhor discussão acerca da preservação deste acervo.

Em meio à pesquisa, foi observado que muitas peças precisavam de uma atenção específica, pois havia um grau de dificuldade para entender suas iconografias, principalmente os motivos pintados, devido a sujidades depositadas sobre a peça, advinda da caverna na qual fora encontrada. Como dito anteriormente, toda a biografia do achado arqueológico, desde sua escavação, possui relevância para entender seu estado de conservação atual.

Neste caso utilizou-se então a documentação como ferramenta de um primeiro momento de preservação. Como modo de preservação, as técnicas não se limitam apenas a resguardar o objeto com integridade física, mas também de métodos de documentação, servindo para organizar e administrar o acervo dentro e fora da instituição. Essas informações podem ser intrínsecas (dados obtidos observando sua forma, cor, textura, dimensões, entre outros) e extrínsecas (dados obtidos a partir de pesquisas), ou seja, informações que o objeto por si somente não revela senão por meio de acuradas pesquisas (FERREZ, 1994).

Helena Dodd Ferrez (1994), em uma reflexão sobre as práticas documentais museológicas, expõe que os objetos advindos da produção do trabalho humano e de vestígios pré-históricos, passam pela perda e o ganho de informações ao longo de usos, trocas, reparos, etc., e por isso são considerados como objetos testemunhos constituídos de conteúdo acerca de uma dinâmica econômica, social, estética, simbólica, e outras cujo valor não se extingue pela ausência de conhecimento contexto-presencial.

A documentação primária (registro, fichas, e numeração, etc.) do objeto é necessária para o controle e segurança do acervo permanente dos museus conforme as normas internacionais, porém, não deve ser considerado como produto acabado, e sim, como processo para o desenvolvimento de pesquisas que tenham por objetivo a produção de conhecimento sobre a história social e cultural onde os objetos estão imersos, como também, sua relação com a natureza e o homem, numa concepção educativa da ação documental.

A documentação também é importante para evitar que ocorra a perda informacional ou mesmo do objeto, através de um agente de risco conhecido como dissociação a qual “resulta na perda irreversível de objetos e no desmembramento de uma determinada coleção, incluído: a perda dos objetos por extravio, perda permanente de dados sobre os

objetos e uma série de outras deficiências intelectuais e legais, que reduzem o uso e o valor das coleções” (PANISSET, 2017, p. 178).

Considerando todos estes aspectos que para o desenvolvimento deste trabalho foi desenvolvida uma ficha que buscava registrar elementos iconográficos - pintadas e plásticas, bem como especificar diferentes aspectos dos objetos. Esta trouxe também relevância aos aspectos de conservação das peças. Nesta ficha foram elencados e preenchidos os seguintes aspectos: descrição, representações anatômicas (cabeça, corpo, base), observações, estado de conservação, dimensões e imagem, descrição da pintura.

Através dessa documentação foi possível realizar a análise da peça em seus diferentes aspectos. Dentre os principais resultados obtidos, pode-se observar que a maioria não estava em bom estado de conservação, os principais danos encontrados foram: lacunas, rachaduras e perda de policromia.

As lacunas e rachaduras nas urnas (Figuras 7 e 8) são danos que devem ser considerados no momento de estipular as medidas de conservação a serem utilizadas. Peças cerâmicas são consideradas de grande fragilidade em relação aos danos mecânicos, por isso, o manuseio e a guarda devem ser feitos com maior atenção. Ao se tratar de peças com lacunas e rachaduras essas tendem a estar ainda mais vulneráveis e devem evitar manipulação desnecessária.



Figura 7 - Corpo de urna funerária da cultura Maracá, urna GP-02, pertencente à Coleção Gruta do Pocinho. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2015.

Peças provenientes da mesma gruta também foram estudadas e quando possível, houve a recomposição de lacunas (Figura 8). Tais medidas devem ser feitas com parcimônia, sempre ponderando a necessidade com a possibilidade de restauro. Tais intervenções foram realizadas pelos profissionais responsáveis que atuam no laboratório de restauro da reserva técnica.



Figura 8 - Tampa de urna funerária da cultura Maracá, na forma de cabeça humana. Urna GP-35, pertencente à Coleção Gruta do Pocinho. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2015.

Outra característica muito encontrada foi a perda de policromia (Figura 9) ou manchas na superfície do objeto. Estes danos interferem na leitura e possibilidades de comunicação advindas das peças. Muitos deles são causados pelas condições encontradas nas grutas que abrigavam as urnas. A excessiva umidade relativa e a presença de agentes biológicos como animais, fungos e plantas, são os principais fatores que levam a estas perdas. Porém, deve-se atentar ao fato de que a ação humana também pode desencadear esse tipo de dano, seja através de procedimentos mecânicos ou químicos inadequados.

Mesmo aqueles que ainda conservam grande parte de sua policromia e estão em melhor estado de conservação (Figura 10) precisam ser mantidos em condições apropriadas. Para a adequada manutenção desse material, além dos cuidados de manipulação, o controle ambiental é fundamental, seja em termos de temperatura e umidade, mas, principalmente iluminação, pois muitos pigmentos, através de ações fotoquímicas acabam sendo alterados (SOUZA, 2008). Nesse caso, é importante que sejam realizadas

análises acerca da composição química tanto do material que compõe a argila da peça, quanto o material orgânico usado nas pinturas.



Figura 9: Tapa de urna funerária da cultura Maracá, na forma de cabeça humana. Urna GP-30, pertencente à Coleção Gruta do Pocinho. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2015.



Figura 10: Urna zoomorfa GP-09, pertencente à Coleção Gruta do Pocinho. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2015.

Com relação ao acondicionamento das peças, além do mobiliário de armários volantes, conforme apresentado anteriormente, também se faz o uso de moldes de polietileno (*Ethafoam*). Este material é indicado para a utilização nos acervos museológicos por ser considerado quimicamente estável (WINSOR, 2011). Na Reserva Técnica Mário Simões, este é utilizado para elaborar moldes que se adequem às peças e com isso permitam melhor guarda e manuseio, também aplicados a algumas peças da coleção da Gruta do Pocinho (Figura 11).



Figura 11: Urna zoomorfa GP-10, pertencente à Coleção Gruta do Pocinho. Foto: Acervo Museu Goeldi, 2015.

Considera-se que o estado de conservação destas peças, elencado na documentação e análise realizadas na pesquisa apresenta grandes debilidades decorrentes de seu contexto deposicional e agentes de degradação que atuaram ao longo do tempo. Tal estado de conservação afeta diretamente as possibilidades de estudo e comunicação de informações intrínsecas às peças, como sua iconografia e conformação. Portanto, as práticas de conservação presentes na Reserva Técnica Mário Simões se mostram fundamental para a manutenção deste patrimônio.

Considerações finais

A cultura Maracá tem sido estudada desde os primórdios do Museu Paraense Emílio Goeldi, ainda no século XIX, com os achados arqueológicos de Ferreira Penna. Esta relação histórica e a importância dos materiais desta cultura coletados ao longo do tempo ressaltam a necessidade de se desenvolverem cada vez mais estudos e estratégias de preservação deste acervo.

Apesar de estudos e práticas recorrentes, ainda se percebem inúmeros desafios associados à preservação de acervos arqueológicos. Sendo assim, reconhecem-se os esforços da Reserva Técnica Mário Simões em sempre buscar as melhores condições para a conservação de seus acervos, seja na readequação de mobiliário, quanto na busca por protocolos e instrumentos de monitoramento e acondicionamento adequado.

Neste trabalho, que dentre seus objetivos visou elencar alguns elementos necessários à conservação preventiva de urnas Maracá, foi possível analisar o desenvolvimento da documentação e aspectos relacionados à conservação preventiva de uma coleção de específica, a Gruta do Pocinho. Essa documentação pode ser utilizada como ferramenta de registro de dados, como elemento de análise da peça, assim como forma de conservação preventiva, evitando a dissociação de informações e das próprias peças.

Ademais, através da análise coleção da Gruta do Pocinho é possível destacar que foram identificadas as lacunas e perda de policromia como os principais danos encontrados nesta coleção. Cuidados voltados a protocolos de manuseio, acondicionamento, controle e monitoramento se mostra extremamente necessários, buscando atentar para as vulnerabilidades encontradas. Logo, tal estudo e prática permite maior qualidade na manutenção e comunicação científica deste patrimônio de valor imensurável para a Amazônia.

Referências

BARBOSA, Carlos Augusto Palheta. *As Iconografias das Urnas Funerárias Antropomorfas Maracá (Amapá): a coleção Gruta das Caretas*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPI, Terezina-PI, 2011.

CAMARGO-MORO, Fernanda. *Museus: Aquisição/Documentação*. Rio de Janeiro: Livraria Eça Editora, 1986.

CAPLE, Chris (Ed.). *Preventive Conservation in Museums*. Oxford; New York: Routledge, 2011.

- CURY, Marília Xavier. Museu, Filho de Orfeu, e a musealização. In: ICOFOM LAM 99: Museologia, filosofia e identidade na América Latina e no Caribe. VII Encontro Regional. 28 nov. a 04 dez 1999, Coro, Venezuela. *Documentos de Trabalho*. Coro, 1999. p 50-55.
- FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: teoria para uma boa prática. In: *Fórum de Museologia do Nordeste*. 4. ed., Recife (mimeo.), out., 1994, [S.P.].
- FRONER, Yacy-Ara. *Reserva Técnica*. Belo Horizonte: LACICOR; EBA; UFMG, 2008. (Tópicos em conservação preventiva; 8).
- FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo, SP: Contexto, 2003.
- GOELDI, E. A. (phot.) *Cerâmica de Índios extintos nos rio Maracá e Anauerá-pucu (Guyana)*. Acervo da CE Museu Paraense Emílio Goeldi. Estampas I, II, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X. 1900.
- GUAPINDAIA, Vera A. Encountering the Ancestors: The Maracá Urns. In: McEWAN, Colin; BARRETO, Cristiana; NEVES, Eduardo (Eds). *Unknown Amazon*. British Museum Press. 2001. p. 156-173.
- GUEDES, A. P. de Lima. Relatório sobre uma missão etnográfica e archeologica aos rios Maracá e Anauerá-pucú (Guyana Brasileira). *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia*. v. 2, Belém, p.42-46, 1898.
- LOUREIRO, José Mauro M. Esboço acerca da documentação museológica. In: *Documentação em Museus /Museu de Astronomia e Ciências Afins-MAST*. Org: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia N. M.. Rio de Janeiro, 2008 v. 10, 2008. p. 24-32.
- MACHADO, A. L. C. *As tradições ceramistas da bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)*. 1991. 1v., il. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1991.
- MARCONI, M. A.; PRESOTTO, Z. M. N. *Antropologia: Uma Introdução*. São Paulo, Atlas, 2007.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. *Relatório Anual da Coordenação de Ciências humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, 2002.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. *Arqueológica*. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/assuntos/colecoes/arqueologica>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- PAIVA, Jéssica. *A Cultura Arqueológica Maracá na Perspectiva da Documentação Museológica*. Belém – PA, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso. Monografia.
- MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI. A Iconografia Fragmentada da Coleção AP-MZ-30: Gruta das Caretas. *XX Seminário de Iniciação Científica*, Resumo PIBIC 2011/2012 Belém, 2012.
- PANISSET, Ana M. *A documentação como ferramenta de preservação: protocolos para documentação e gestão do acervo artístico da UFMG*. Tese (doutorado), Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.
- PENNA, D. S. F. Apontamentos sobre os cerâmios do Pará. *Archivos do Museu Nacional*, v. 2, Rio de Janeiro, p. 47-67, 1877.
- PENNA, D. S. F. Archeologia e Ethnografia no Brazil". In: *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnografia*, v. 1, n. 1, p. 28, 1894.
- PEREIRA, Edithe. O Museu Goeldi e a pesquisa arqueológica: um panorama dos últimos dezessete anos (1991-2008). *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi Ciências Humanas*,

Belém, v.4, n.1, abr. 2009. Disponível em:
<http://scielo.iec.pa.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222009000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10.jan.2016.

PYE, Elizabeth. Conservation and storage: archaeological material. In.: THOMPSON, John M. A. *Manual of curatorship: a guide to museum practice*. London; Boston: Butterworths, 1984. p. 203-238.

SANJAD, Nelson. *A Coruja de Minerva: o Museu Paraense entre o Império e a República (1866-1907)*. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus; Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2010.

SOUZA, Luiz Antônio Cruz. *Conservação preventiva: controle ambiental*. Belo Horizonte: LACICOR-EBA-UFMG, 2008. (Tópicos em conservação preventiva; 5)

SOUZA, Sheila Mendonça; GUAPINDAIA, Vera; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. A necrópole Maracá e os problemas interpretativos em um cemitério sem enterramentos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia*, v. 17, n. 2, p. 479-520, 2001.

WINSOR, Peter. Which Conservation Materials to Use at Home? In: CAPLE, Chris. *Preventive Conservation in Museums*. USA/Canada: Routledge, 2011.